

Coragem de “Mães Arrependidas” se narrarem na web: discursos e práticas de liberdade

Courage of Regretful Mothers to narrate themselves in the web: discourses and the practices of freedom

Denise Gabriel Witzel¹

Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná - UNICENTRO

denise@unicentro.br

RESUMO: Partindo dos Estudos Discursivos Foucaultianos, propomo-nos analisar arqueogeneologicamente narrativas de si de “Mães Arrependidas” que partilham nas redes sociais suas frustrações em relação à maternidade, chocando-se com o poder patriarcal na expectativa de libertarem-se de amarras sociais que consideram a maternidade como um destino natural das mulheres e, portanto, algo que não deve ser contestado ou negado, muito menos odiado. Aproximamos essas narrativas de si – materializadas no *instagram* @maearrependida – da inquietude crítica de Michel Foucault em seus últimos cursos dedicados à subjetividade e à verdade, priorizados aqui como grade de leitura e de análise de modo a darmos relevo à produção e à circulação do enunciado “Mães arrependidas” compreendido como um nó em uma rede que interliga, nas redes sociais e fora dela, um sem número de mulheres que ao se narrarem valem-se da coragem da verdade (*parresía*), enfrentam riscos e, sobretudo, provocam fraturas virtuais no dispositivo da maternidade, abrindo espaços de possíveis autotransformações, ou seja, liberdade.

Palavras-chave: Discurso parresiástico; Dispositivo da maternidade; Michel Foucault.

ABSTRACT: Based on Foucaultian Discursive Studies, we propose to archeogeneologically analyze self-narratives of regretful mothers who share their frustrations regarding motherhood on social media, clashing with patriarchal power in the hope of freeing themselves from social constraints that consider motherhood as a natural destiny for women and, therefore, something that should not be challenged or denied, much less hated. We bring these narratives of self – materialized on the Instagram account @maearrependida – closer to the critical restlessness of Michel Foucault in his last courses dedicated to subjectivity and truth, prioritized here as a reading and analysis grid in order to highlight the production and circulation of the statement “Regretful mothers” understood as a node in a network that interconnects, within and outside social networks, countless women who, when narrating themselves, rely on the courage of truth (*parrhesia*), face risks and, above all, cause virtual fractures in the device of motherhood, opening up spaces for possible self-transformations, that is, freedom.

Keywords: Parrhesiastic discourse; Deployment of motherhood; Michel Foucault.

¹ Professora do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), Guarapuava, PR. Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP-FCLAr, com estágio doutoral na Université Louis Lumière, Lyon II, França.

Introdução

Loucas e egoístas, monstras e inconsequentes, corajosas e bruxas, inspiradoras e acolhedoras. Esses são alguns dos inúmeros adjetivos recorrentes dirigidos a “Mães Arrependidas” (Danóth, 2017; Tenório, 2020; Ligny 2022) quando elas falam/escrevem sobre suas frustrações em relação à maternidade e enfrentam tabus, silenciamentos, além da rotineira pressão social. Pressão transformada em amarras constitutivas de dispositivos de poder/saber que definem a maternidade como um destino natural das mulheres, um desejo essencial associado ao amor incondicional e puro. Seguindo as reflexões de Badinter (1985), sabemos que a maternidade é uma construção sócio-histórica recente atrelada a saberes produzidos e a poderes dominantes que se fortaleceram a partir da segunda metade do século XVIII. À mulher foi imposta a obrigação de ser mãe antes de tudo, engendrando um mito que continua bem vivo mais de duzentos anos depois: o do instinto materno e, conseqüentemente, o do amor materno, aí compreendido o amor pelo ato de maternar com afeto, dedicação, prazer e alegria.

Interessa-nos analisar a produção e circulação de discursos na *Web* que desafiam esse ideal de maternidade, especialmente as narrativas de si mesmas materializadas na conta do Instagram @maearrependida. Essa conta foi criada e é mantida pela atriz e escritora Karla Tenório (2020) e, em março de 2025, contava com mais de 63 mil seguidores e 531 publicações. Todas essas postagens dialogam com seu projeto também intitulado “Mãe Arrependida”, cujo objetivo é oferecer um espaço de escuta, acolhimento e valorização das experiências de mulheres que se identificam com o arrependimento materno ou que apoiam essas mulheres. No dia 14 de julho de 2024, Tenório compartilhou fotos/imagens de matérias jornalísticas e entrevistas que concedeu a jornais e revistas, a exemplo da *Folha de São Paulo*², *Marie Claire*³ e *Uol*⁴, seguidas do seguinte texto esclarecedor de seu projeto:

Um apanhado deste projeto que já tem 3 anos e não para. É preciso desconstruir o conceito de maternidade, e romper com nosso silenciamento. É preciso pensar em políticas públicas que cuidem das mulheres em vulnerabilidade social. É preciso promover educação sexual nas escolas, ajudar as mulheres em depressão, criar uma

² ‘Mães arrependidas’ detestam a maternidade, mas dizem amar seus filhos. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equlibrio/2023/05/maes-arrependidas-detestam-a-maternidade-mas-dizem-amar-seus-filhos.shtml>. Acesso em: 30 jan. 2025.

³ ‘Odeio a maternidade, mas amo minha filha’: é preciso falar sobre os arrependimentos em torno do ‘ser mãe’. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/maes-e-filhos/noticia/2023/06/odeio-a-maternidade-mas-amo-minha-filha-e-preciso-falar-sobre-os-arrependimentos-em-torno-do-ser-mae.ghtml>. Acesso em: 30 jan. 2025.

⁴ Detesto ser mãe e ajudo outras mulheres a lidar com esse sentimento. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/05/07/sou-uma-mae-arrependida-desde-o-parto-da-minha-filha-diz-atriz.htm>. Acesso em: 30 jan. 2025.

maternidade possível, individual e talvez mais leve para cada mulher, e apoiar a geração NoMo (NotMothers), que está cada dia mais em maior número na sociedade. A transformação leva tempo, é um trabalho de formiga. Mas gosto de acreditar que pouco a pouco estamos conseguindo (Tenório, 2020).

Dentre as matérias citadas no referido post, recortamos e destacamos estas três:

Figura 1 - Manchetes de matérias sobre “Mães Arrependidas”



Fonte: *Instagram @maearrependida*.

Nos comentários desse *post* e em inúmeros outros disponibilizados na página, sobressaem-se narrativas de si de mulheres que também se arrependem de serem mães, questionam os preceitos morais e sociais acerca da maternidade compulsória, desafiam as idealizações caras a uma sociedade organizada de modo a impor ao sujeito como ele deve se relacionar consigo mesmo, interditando o que está em desacordo com uma maternidade saturada pelo amor a mais (Badinter, 1985) e pelos regimes de verdade que forjaram o estereótipo da "mãe perfeita". Além disso, seus discursos vão ao encontro dos discursos de inúmeras outras mulheres que seguem certa rota da desobediência – compreendida aqui como resistência ética ao poder – na medida em que suas manifestações reverberam outras vozes em consonância com as atuais esperanças feministas (Diniz; Gebara, 2022) transformadas em lutas contra a dominação capitalista, a cultura patriarcal e o cristianismo primitivo e austero. São lutas travadas no espaço midiático contra múltiplas formas de sujeição que regulam, não sem resistências, a mulher, seu corpo e a maternidade.

Os discursos de e sobre “Mães Arrependidas”, alinhados a essa perspectiva de lutas, contestações e esperanças, serão aqui analisados à luz dos pressupostos teóricos e metodológicos dos Estudos Discursivos Foucaultianos. Isso implica considerar, na perspectiva d’*A Arqueologia do Saber* (Foucault, 2007), que o enunciado possui uma historicidade e integra uma rede interdiscursiva bastante numerosa e complexa cujas condições para seu aparecimento enquanto objeto de discurso apontam para o fato de que é difícil e arriscado enunciar algo novo. Dizer sobre o arrependimento materno é dizer coisas novas e diferentes em relação ao que se diz/escuta tradicionalmente na voz corrente, a exemplo destas localizadas pelo *google* a partir

da palavra-chave *maternidade*: “ser mãe é padecer no paraíso”; “a maternidade está próxima da divindade. É o serviço mais elevado e sagrado a ser assumido pela humanidade”; “mulher é divina porque é divino ser mãe”; “ser mãe é uma das experiências mais gratificantes da vida”; “ser mãe é abraçar a vulnerabilidade com coragem para se transformar em uma fortaleza de amor”; “maternidade é um espetáculo de amor em que cada ato, por mais simples que seja, é uma expressão de carinho infinito”. Em relação a tais concepções altamente romantizadas da maternidade, o enunciado “Mães Arrependidas” se inscreve em um domínio de parentesco com esses mesmos enunciados, estabelecendo com eles relações “de afastamento, de diferença, de transformação” (Foucault, 2007, p. 50).

Nessa direção, o discurso é concebido como prática que provém da formação de saberes articulados com outras práticas – discursivas e não discursivas – que normatizaram os comportamentos e os sentimentos de *todas* as mães na atualidade. Ou seja, um enunciado não brota no momento da enunciação e, como veremos, sua emergência carrega consigo correlações com outros enunciados que o precedem ou se justapõem a ele. Descrivê-lo implica considerar fundamentalmente dois movimentos de análise. O primeiro diz respeito às características da função enunciativa tendo em vista as condições sócio-históricas de sua aparição que lhe deram uma existência singular e não a outro enunciado em seu lugar. “Mães Arrependidas” entra, portanto, em relação com um domínio de objetos (discurso), possui um referencial (princípio de diferenciação), mediante um jogo de posições possíveis para o sujeito que o enuncia; ele irrompe como um elemento em um campo associado – domínio de coexistências com outros enunciados, formatando uma memória discursiva – e possui uma materialidade repetível.

O segundo movimento concerne aos procedimentos de controle dos discursos, tendo em conta que em qualquer sociedade

a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (Foucault, 2001, p. 8-9).

Portanto, não é possível analisar as narrativas de si sobre o arrependimento de ser mãe fora das relações de poder/saber e, por conseguinte, fora das três dimensões do dispositivo da maternidade: saber, poder e subjetividade. Assim, este estudo visa a (i) compreender o enunciado “Mães Arrependidas” a partir das narrativas de si materializadas na conta do *instagram* @maearrependida (Tenório, 2020), analisando-as dentro das linhas de força e das linhas de fuga do dispositivo da maternidade. Para isso, aproxima essas narrativas dos

testemunhos presentes nos livros de Orna Donath (2017) e Astrid Hurault de Ligny (2022), que também abordam experiências de arrependimento materno; (ii) descrever e analisar as regularidades enunciativas dessas narrativas de si (testemunhos), considerando a inquietude crítica de Michel Foucault em seus últimos cursos dedicados à subjetividade e à verdade⁵, finalizados com o conceito de *parresía* articulado às práticas de liberdade.

“Mães Arrependidas” nas tramas do dispositivo da maternidade

Arrepende-se de ter um filho, por diversas e complexas razões, é um sentimento que existe ao longo de toda a história das mulheres, mas até bem pouco tempo atrás ficava contido no silêncio, no repúdio, na interdição, no medo e na culpa; quando falado, a escuta limitava-se às confissões de um segredo revestido de uma espécie de imoralidade compartilhada apenas com pessoas muito próximas e de confiança ou com um sacerdote, quando associado ao pecado, ou, ainda, com psicoterapeutas, psicólogos, psicanalistas e psiquiatras. Sua recente entrada em certa ordem arriscada do discurso tem buscado romper com esse “tabu do objeto” (Foucault, 2001), com essas restrições, acarretando, de um lado, reprovações e condenações – “você não são mães, são monstras”, dizem – e, de outro, alívios e acolhimentos – “você não estão sozinhas”, “você são corajosas”.

Em 2016, quando Orna Donath – socióloga, conferencista, escritora e ativista feminista israelense – publicou seu livro *Mães arrependidas: uma outra visão da maternidade*⁶, ela provocou grande alvoroço e uma série de inquietações, sobretudo nas redes sociais. Ela parte de uma epígrafe que anuncia uma espécie de “profecia fatal”, um aviso prévio, uma advertência ou ameaça para todas as mulheres férteis – “você-vai-se-arrepende / você vai se arrepender de não ter tido filhos” (Donath, 2017, p. 9). Em sentido oposto a tal profecia, a obra dá visibilidade a 23 mulheres arrependidas exatamente de terem tido filho(s). Seus depoimentos somados às problematizações da autora desestabilizam muitas certezas e vontades de verdade (Foucault, 2001) de discursos que se pretendem únicos, incontestáveis e inquebrantáveis em relação às

⁵ Os últimos cursos de Michel Foucault no *Collège de France* são: *Subjetividade e verdade* (1980-1981), *A Hermenêutica do Sujeito* (1981-1982), *O Governo de Si e dos Outros* (1982-1983), *A Coragem da Verdade* (1983-1984).

⁶ Título original *#Regretting Motherhood. Wenn Muetter bereuen*. A obra desencadeou um caloroso debate, especialmente na Alemanha, em 2015, fomentado pela hashtag *#regrettingmotherhood*. Logo depois a autora escreve o artigo *Regretting Motherhood: A Sociopolitical Analysis*, disponível em <https://www.journals.uchicago.edu/doi/abs/10.1086/678145?mobileUi=0&journalCode=signs>, e concede uma entrevista à imprensa alemã. A obra foi traduzida para a língua portuguesa, no Brasil, em 2017.

práticas discursivas e não discursivas que levam as mulheres a se tornarem mães. Nas linhas de suas reflexões, Donath (2017) traz para o debate fundamentos sociais, políticos, econômicos e culturais que esclarecem tanto o arrependimento materno quanto a decisão de inúmeras mulheres de não quererem ter filhos. Focalizando a dicotomia “mãe perfeita” / “mãe negligente”, a autora cede espaços para que as “Mães Arrependidas” – nem perfeitas, nem negligentes – possam narrar suas experiências e sentimentos sem temer julgamentos ou condenações.

Diferentemente da depressão pós-parto, do *baby blues* e da ambivalência materna, o arrependimento é um sentimento que implica

uma postura emocional subjetiva que reflete os valores, necessidades, decisões e história pessoal de uma pessoa, mas, ao mesmo tempo, é formado pelo entorno, segue as determinações da sociedade, e sua expressão ou não expressão tem uma relevância social (Donath, 2017, p. 86).

Ligny (2022), autora do livro *Le Regret Maternel – quand le rôle de mère est trop lourd à porter*⁷, pontua essa diferença relatando sua tomada de consciência quando percebeu que seu sofrimento e sua angústia, diagnosticadas como depressão pós-parto e, portanto, supostamente passíveis de serem tratadas mediante intervenções médicas com indicações de medicamentos antidepressivos, significava outra coisa, conforme esta Sequência Enunciativa (SE1):

[SE1]: *Nos primeiros três anos de vida do meu filho chorei muito. Em casa ou no consultório do meu psicoterapeuta. Tenho uma raiva dentro de mim que não vai diminuir. [...] Não me reconheço mentalmente. Sinto falta do “eu” de antes. Despreocupada e alegre [...] amo meu filho mais que tudo no mundo, mas não se trata de amor. É o papel de mãe de que eu não gosto, que me quebra e do qual me arrependo. Com todo o conhecimento que tenho hoje sobre a maternidade, se pudesse voltar no tempo, escolheria não ter filhos*⁸ (Ligny, 2022, p. 31).

O arrependimento, muito além de ser um substantivo que se mistura sinônima e interdiscursivamente a muitos outros com conotação e valorização negativa – como pesar, remorso, contrição, culpa, sujeição, desculpa, penitência –, liga-se também a um cuidado de si nos termos estudados por Foucault (2006; 2011) em sua genealogia da ética, notadamente quando trata das tecnologias de si, do conjunto de técnicas e procedimentos – escrita de si, dieta,

⁷ “Arrependimento materno: quando o papel da mãe é demasiadamente pesado para suportar” (tradução livre).

⁸ “*Les trois premières années de vie de mon fils, j’ai beaucoup pleuré. À la maison, ou dans le cabinet de ma psychothérapeute. J’ai cette colère en moi qui ne s’apaise pas. Et cette prise de conscience, alors qu’il est trop tard, que je ne peux plus faire marche arrière. Je ne me reconnais pas mentalement. La “moi” d’avant me manque. Insouciante et joyeuse [...] J’aime mon enfant plus que tout au monde, mais il n’est pas question d’amour ici. C’est ce rôle de mère que je n’aime pas, qui me brise et que je regrette. Avec toutes les connaissances que j’ai aujourd’hui sur la maternité, si je pouvais remonter dans le temps, je choisirais de ne pas avoir d’enfant*” (tradução livre).

exercícios físicos, espirituais, dentre outros — segundo os quais, na antiguidade greco-romana, um sujeito ético se constituía mediante certas relações consigo mesmo.

Centrado na problemática da verdade, melhor dizendo, na produção histórica da verdade, na aula do dia 10 de fevereiro de 1982, de seu curso sobre *A Hermenêutica do Sujeito*, primeira hora, Foucault (2006) analisa o tema da *epistrophé* platônica e a *metánoia* cristã, empreendendo um retorno a processos de subjetivação que se desdobram das práticas de si interpretadas como artes de viver ou estética da existência guiadas pela seguinte premissa: bem mais do que o princípio délfico do “conhece-te a ti mesmo”, “é preciso ocupar-se consigo para si mesmo, de maneira que a relação com os outros seja deduzida, implicada na relação que se estabelece de si para consigo” (Foucault, 2006, p. 254). É preciso, pois, “cuidar de si mesmo”.

Estabelecendo os distanciamentos e as aproximações da *epistrophé* platônica e a *metánoia* cristã tomadas como modelos para a conversão — um retorno a si, uma volta a si mesmo — que passa fundamentalmente pelo cristianismo, mas também pela filosofia, pela política (subjetividade revolucionária), Foucault (2006) destaca algumas características sintetizadas no quadro abaixo:

Quadro 1 – Síntese das noções de *Epistrophé* platônica e *Metánoia* cristã

<i>Epistrophé</i> platônica significa	<i>Metánoia</i> cristã significa
a) desviar-se de algo (desvio das aparências); b) fazer o retorno a si constatando sua própria ignorância e decidindo-se a ter cuidado de si e ocupar-se consigo; c) retornar à própria pátria (pátria ontológica).	a) transtornar e transformar o modo de ser do sujeito mediante um acontecimento único, súbito, ao mesmo tempo histórico e meta-histórico; b) haver uma passagem de um tipo de ser a outro, da morte à vida, da mortalidade à imortalidade, da obscuridade à luz, do reino do demônio ao de Deus; c) provocar uma ruptura no interior do próprio sujeito.

A conversão segundo a *epistrophé* platônica é comandada por uma oposição fundante entre este mundo e o outro. A libertação significa um desprendimento da alma em relação ao corpo, corpo-prisão, corpo-túmulo etc., pelo privilégio do conhecer, porque “conhecer o verdadeiro é liberar-se. E é no ato de reminiscência, como forma fundamental do conhecimento, que estes diferentes elementos se enlaçam” (Foucault, 2006, p. 259). Já na conversão segundo a *metánoia* cristã “o eu que se converte é um eu que renunciou a si mesmo [...] morrer para si, renascer em outro eu e sob uma nova forma que, de certo modo, nada tem a ver, nem no seu ser, nem no seu modo de ser, nem nos seus hábitos, nem no seu *ethos*, com aquele que o precedeu” (Foucault, 2006, p. 260).

Após traçar os principais elementos constitutivos da conversão helenística e romana, opondo-a à *metánoia* cristã, discorre sobre a *metánoia* a ser evitada como arrependimento e faz referência a Epicteto: “Tu virás a arrepender-te e a censurar a ti mesmo” (apud Foucault, 2006, p. 278). Eis o que nos aproxima da definição de arrependimento destacada da obra de Donath (2017) e do testemunho de Ligny (2022), mais precisamente no ponto de encontro em que a *Metánoia* – em seu sentido afastado da ideia de conversão no cristianismo – implica movimento pelo qual o sujeito retorna a si. O arrependimento de que fala Donath (2017) e, como veremos, Tenório (2020), fundamenta-se em “mudanças” com sentidos de mudanças nas maneiras de o sujeito cuidar de si, significando renovação do sujeito por ele mesmo, ou seja, uma “reversão, modificação do ser do sujeito e acesso a uma vida onde não há remorsos” (Foucault, 2006, p. 265) ou culpas.

Em que pese o fato de, no prosseguimento da aula, Foucault (2006) se distanciar dessas noções para propor uma linha alternativa entre a *epistrophé* platônica e a *metánoia* cristã, como crivo de análise, explanando a conversão do olhar, o retorno do olhar na direção de si mesmo e a crítica à curiosidade, parece-nos pertinente pensar nos deslizamentos dos sentidos da palavra “arrependimento”, atualizando a memória formatada no quadro dessas reflexões que dá relevo às técnicas de si em contraponto com as técnicas de dominação. Sobre as Técnicas de Si,

[Elas] permitem aos indivíduos efetuar, sozinhos ou com a ajuda de outros, certo número de operações sobre seu corpo e sua alma, seus pensamentos, suas condutas, seu modo de ser; transformar-se a fim de atingir certo estado de felicidade, de pureza, de sabedoria, de perfeição ou de imortalidade (Foucault, 2014, p. 266).

Quando, no jogo de seu aparecimento, o “arrependimento” se liga ao adjunto “materno”, ocorre um encadeamento não apenas de significantes, mas sobretudo de dois termos tomados historicamente como antítese. Essa aproximação gera dissensos e provoca debates, verdadeiras batalhas discursivas no espaço da *Web*, fazendo colidirem argumentos que se agrupam, em meio à dispersão dos enunciados, ora em consonância ora em dissonância com os preceitos que regulam a maternidade; ora se aproximando ora se distanciando da *metánoia* pensada como arrependimento ou transformação nas narrativas de si associadas a práticas contemporâneas do cuidado de si do sujeito-mãe que se pretende livre das amarras do dispositivo da maternidade.

Destacamos, na sequência, um *post* do dia 21 de fevereiro de 2022 e repetido em 12 de junho de 2023 no *instagram* @maearrependida que assim define o “Arrependimento Materno”:

O ARREPENDIMENTO MATERNO (conceito subjetivo) [é] um caminho de volta pra casa, um convite a olhar o que foi que desviou da estrada certa. É um sintoma,

um botão de alarme, uma invocação para transformar aquilo que doeu, encontrar o que foi perdido, é uma chave de acesso aos portais da verdade. É um facão que rasga o silenciamento como dentro de uma mata escura e fechada. É um grito de libertação. É a quebra da sacralidade desumana imposta. É um pedido de socorro. É um desejo sincero de reparação. É parar de mentir. É salvar a criança que vai crescer, finalmente libertá-la do círculo vicioso da mentira e da culpa. É cura. É romper o contrato ancestral de idealização e hipocrisia. É assumir a responsabilidade e gritar por mudança (Tenório, 2020).

Definido nesses termos e considerando arqueologicamente que “um enunciado tem sempre margens povoadas por outros enunciados” (Foucault, 2007, p. 110), é preciso considerar sua emergência em relação aos jogos de verdades e às práticas históricas que definiram a função materna como algo inerente à natureza feminina. Na contramão dessa concepção e dos já ditos segundo os quais a maternidade seria um “dato natural” incontestável, a definição no *post* alinha-se aos movimentos de resistência – na esteira das esperanças feministas focadas nas possibilidades de as mulheres reescreverem sua história (Diniz; Gebara, 2022) – em face das normatizações e normalizações dos corpos das mulheres (não) mães.

Ao se fazer referência a objetos descritos nas relações entre aquilo que se afirma e se nega em relação à maternidade, colocam-se em relevo enunciados que se alinham, de um lado, à maternidade compulsória, constituída por elementos fundamentados no “instinto materno” e nas premissas científicas e religiosas (a célebre frase do Génesis bíblico, “Crescei e multiplicai-vos, enchei e dominai a terra” – Génesis 1, 28 – por exemplo), engendrando regularidades enunciativas calcadas no “silenciamento”, na “sacralidade”, na “mentir[a]”, na “culpa”, na “idealização”, na “hipocrisia”; de outro, e em relação de coexistência, alinham-se ao “Arrependimento Materno”, refutando e ressignificando essas práticas por meio dos verbos “transformar”, “encontrar”, “rasgar”, “romper”, “gritar” que apontam para o cuidado de si, práticas de liberdade e novas subjetividades, mais precisamente para as possibilidades reais de as mulheres viverem a maternidade diferentemente, desmitificada, apartada da “sacralidade desumana imposta”. Viverem, portanto, como experiência humana com possibilidades de combinar alegria e medo, tédio e serenidade, amor e arrependimento.

Dito de outro modo, as mulheres mães da atualidade são herdeiras de uma tradição secular que vê na maternidade o fundamento da identidade do ser feminino, mesmo quando não é vivido (Perrot, 2007); são igualmente herdeiras de uma moral religiosa e social fundamentada em vontades de verdade (Foucault, 2001) que podem ser bem mais compreendidas à luz da noção de dispositivo.

Para Foucault, o dispositivo é um

conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (Foucault, 1979, p. 246).

Esse conjunto de elementos heterogêneos interligados em rede, segundo Deleuze (1990), possui curvas de visibilidade e regimes de enunciabilidade responsáveis pela produção de discursos tanto visíveis e enunciados, quanto invisíveis e ocultados que capturam, orientam, determinam modos de ser e de agir (e de sentir) dos sujeitos; impõem e vigiam condutas, mas também liberam novas práticas. Em se tratando do dispositivo da maternidade, essas “[...] máquinas do fazer ver e de fazer falar” (Deleuze, 1990, p. 1); implicam linhas de força do poder microfisicamente presente em todos os espaços e em todas as relações (Foucault, 1979), como flechas que penetram as coisas e as palavras; implicam, igualmente, linhas de fuga, movimentos de desterritorialização que impulsionam a subjetividade para uma nova direção, através das fraturas do dispositivo, brechas pelas quais há possibilidades de práticas de liberdade e consequentes produções de novas subjetividades.

Uma das principais funções do dispositivo, segundo Foucault (1979), é a de se constituir como uma resposta a uma urgência histórica. Nas configurações do dispositivo da maternidade, essa resposta a uma urgência se deu de modo estratégico a partir de uma história que precisa ser revisitada, ainda que sumariamente, para que seja possível retrazar as condições culturais, políticas e sociais de emergência do enunciado “Mães Arrependidas” que, pelas linhas de fuga do dispositivo, arrasta o sujeito-mulher-mãe para uma trilha diferente da que foi engendrada por antigos códigos e regras morais, éticas e patriarcais, constitutivas das linhas de força do dispositivo.

Sumariamente, esses códigos e essas regras, seguindo os estudos de Michelle Perrot (2007) e Elizabeth Badinter (1985), produziram um modelo de mãe ideal que fez com que aquelas que não se identificassem com tal modelo fossem, e ainda hoje são, identificadas como seres próximos da monstruosidade, encarnando o mal e o inaceitável, conforme narra esta mãe na Sequência Enunciativa (SE 2), recortada do *instagram* @maerrependida:

[SE 2] Eu já tô há alguns anos, meio que carregando essa imagem de mãe maldita né? Uma pecadora que fala mal da maternidade / que envenena a dádiva da vida / é claro que quem me acompanha mais de perto sabe que é o contrário, que a minha pegada é o amor real, sem filtro, é verticalizar na dualidade, porque ser dual tem muito brilho / A mãe arrependida é uma mãe integral em busca de libertação, de encontrar o caminho de volta pra casa, seja lá qual for / a gente quer no fundo, ainda é agradar / E a noção de maternidade compulsória tá muito ligada essa noção de querer agradar / Mesmo quando a gente tá levantando a bandeira e bradando o

feminismo aos quatro cantos, lá no fundo, muitas de nós ainda quer, não sentir o desamparo imenso, a solidão, o medo de não ser amada / Até quando a gente tem filho, ou quando a gente quer dar um filho pro nosso marido, namorado, no mais profundo este ato é o medo da solidão. O medo de não conseguir sobreviver solta, sem alguém pra nos proteger / A gente quer ser amada. Ponto. / Mas eu Tô aqui refletindo, e se a gente mudasse o significado de solidão? Se ao invés de desamparo, essa solidão significasse preenchimento e tempo pra gente crescer no autovalor? (Tenório, 2020 – post em 13/07/2025).

No retorno à história das mulheres, deparamo-nos com grandes mudanças que partem, *grosso modo*, de uma posição limitada à função procriadora e cuidadora – em tempos mais primitivos –, passando à mãe capturada pelo poder patriarcal, de modo a ser transformada na figura responsável pela moralidade das casas e pela educação dos filhos, sempre submissa e subordinada aos homens cujos efeitos, em embate com os múltiplos e importantes feminismos, repercutem na contemporaneidade.

Voltemos rapidamente ao século XVIII, época em que se instaurou no ocidente uma biopolítica, um regime de governo voltado para uma política interessada em gerir e controlar a vida da população. Na mira do biopoder (Foucault, 1988), estava a mulher-mãe-dona-de-casa, a rainha do lar, mais precisamente sua função materna considerada um pilar da sociedade e da força dos Estados (Perrot, 2007). Havia uma urgência de se consolidar o capitalismo e, para isso, uma das estratégias era preservar a vida, diminuindo a mortalidade infantil (enorme nessa época), de modo a garantir as futuras forças de trabalho. Proibir, vigiar e punir práticas como infanticídio, aborto, amas de leite, abandono de bebês nas rodas dos expostos de igrejas ou hospitais, tornaram-se imperativos para ser garantida a vida das crianças e a formação de famílias numerosas.

Para que as mulheres reinassem nos espaços privados das casas, produziram-se séries de discursos em resposta a essas urgências, consolidando a instituição casamento e, nesse, o ser mãe tornou-se uma espécie de obrigação social para constituição e manutenção da família orientada pelos preceitos da Igreja Católica. Um dos principais parâmetros desses preceitos vinculava-se aos discursos que exaltavam e adoravam o modelo da mãe abnegada, uma incorporação da virtuosidade e generosidade da Virgem Maria, a mãe disposta a fazer qualquer sacrifício, deixar de existir para si mesma de modo a garantir a felicidade e o bem-estar da família burguesa. São discursos e práticas que atravessaram o tempo e estão atualizados, via memória, nas narrativas de si que versam sobre o arrependimento materno, mais precisamente sobre o “ódio” em relação à maternidade:

[SE3] *Ser mãe é mentalmente exaustivo. Cada parte do meu corpo odeia essa função. Odeio tudo que envolve a maternidade. Odeio as coisas óbvias que já foram ditas aqui por outras*

mães, odeio ter horários que não são meus. Odeio levar ao banheiro em lugares públicos, oh céus! Como eu odeio isso. Odeio com toda força do meu ser, ser solicitada a cada momento. Odeio os dramas. Odeio me sentir péssima e culpada por sentir isso. Nunca quis ser mãe, mas no fundo pensava que, se fosse seria aos 32 anos de idade. Casei aos 26, seis meses depois, por um único descuido no qual tomei a pílula do dia seguinte, engravidei. Fiquei incrédula, quis o aborto, mas tive medo de ser castigada por Deus e que nada na minha vida desse mais certo. Tive medo de me arrepender e tive medo do meu marido se separar e casar de novo e ter um filho e eu viver com esse fantasma e arrependimento pra sempre [...] (Tenório, 2020 – post em 19/02/2024).

Enredadas nas tramas do dispositivo da maternidade, as “Mães Arrependidas” privilegiam, nas sequências 1, 2 e 3, comportamentos que, por meio das fraturas do dispositivo, buscam romper com as normas rígidas e as expectativas tradicionais relacionadas ao papel da mulher na sociedade e na maternidade. Em confronto com o ideal de mãe perfeita, elas se arrependem, falam de seu arrependimento – transformação, mudança – e é isso que desafia as amarras, na medida em que questionam desde as estruturas patriarcais até os papéis convencionais atribuídos às mães. Assim, procuram construir novos saberes e possibilidades que inspirem diferentes formas de poder e novas subjetividades para o ser mulher e mãe.

“Mães Arrependidas” e a coragem de narrarem-se

Por que é necessário coragem para as “Mães Arrependidas” se narrarem? Porque a pressão social associada aos procedimentos de interdição que controlam a ordem do discurso sobre a maternidade funcionam de modo a excluir a “palavra proibida”, ou melhor, a expressão “Arrependimento Materno”. Enunciar “Amo meu filho, mas odeio ser mãe” é fazer ruir o dispositivo da maternidade enfrentando um tabu do objeto enraizado e fundamentado na “vontade de verdade” (Foucault, 2001) que visa a produzir o sujeito mãe perfeita. Na ordem do discurso, não se “tem o direito de dizer tudo em qualquer circunstância, [...] qualquer um [...] não pode falar de qualquer coisa” (Foucault, 2001, p. 9). Uma mãe não pode, não poderia, dizer que odeia ser mãe, portanto, na coragem de dizê-lo, quebram-se regras muito restritas ao segredo, ao medo e à culpa, de forma que o arrependimento – *metánoia* no sentido de reflexão e transformação – liga-se de maneira singular e complexa à proibição verbal e à coragem de dizer a verdade até então disfarçada e escondida no sofrimento e na dor, conforme lemos no *instagram @maearrependida*.

Em seu retorno à antiguidade clássica, à cultura greco-romana para pensar as artes de si mesmo, portanto, uma arte de viver, segundo a qual a estética da existência e o governo de si

partem do princípio de que é preciso haver “um adestramento de si por si mesmo” (Foucault, 2009, p. 132), Michel Foucault problematiza em suas últimas aulas no *College de France* as relações do sujeito com as práticas do dizer-a-verdade sobre si, articuladas ao fazer filosófico e à constituição da democracia na Grécia antiga. Interessa-se especialmente pela construção de um *éthos* a partir do conceito grego de *parresía* (παρρησία), traduzido como a fala franca em que o sujeito diz a verdade, fala de si com franqueza, diz tudo. Na 1ª conferência que proferiu na Universidade de Berkeley, em 1983, ele assim sintetizou esse conceito:

[Parresía] é um tipo de atividade verbal na qual aquele que fala tem uma relação específica com a verdade através da franqueza, uma certa relação com sua própria vida através do perigo, uma reta relação com ele mesmo e outras pessoas através da crítica [...], e uma relação específica com a lei moral através da liberdade e do dever. Mais precisamente, [parresía] é uma atividade verbal na qual aquele que fala expressa sua relação pessoal com a verdade, e arrisca sua própria vida pois ele reconhece dizer-a-verdade como um dever para melhorar ou ajudar outras pessoas (e a si mesmo). Na [parresía], aquele que diz usa sua liberdade e escolhe a franqueza ao invés da persuasão, verdade ao invés da falsidade ou silêncio, o risco da morte ao invés da vida e da segurança, crítica ao invés da bajulação, e dever moral ao invés do interesse próprio e apatia moral (Foucault, 2013, p. 5).

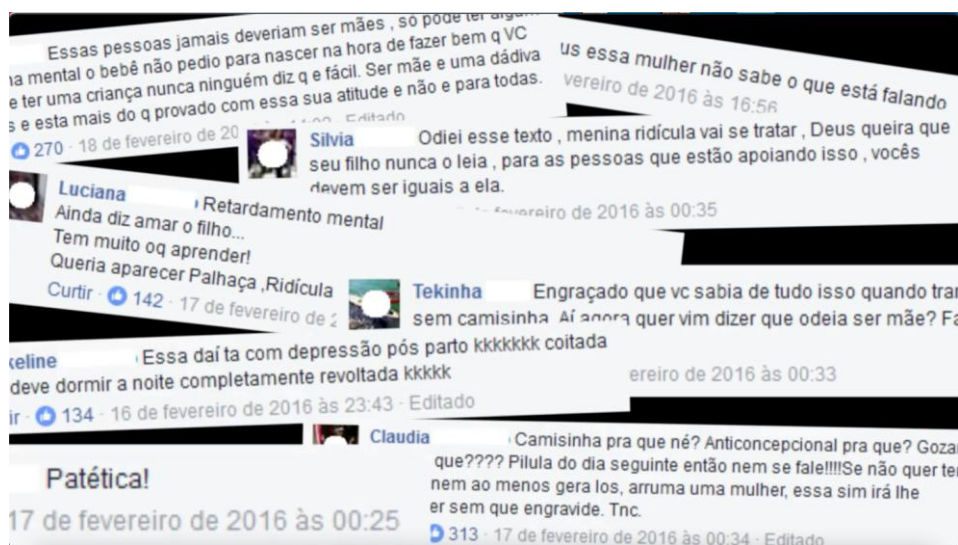
A *parresía* é uma prática discursiva muito antiga que, segundo Foucault (2011, p. 29), pode ser hipoteticamente encontrada na atualidade de modo enxertada em diferentes modalidades do dizer-a-verdade, notadamente nos discursos científicos enquanto “crítica dos preconceitos, dos saberes existentes, das instituições dominantes, das maneiras de fazer atuais”. Nessa direção, os discursos das “Mães Arrependidas” desempenham um papel parresiástico na medida em que suas narrativas de si apresentam relações específicas com a verdade por meio de um franco falar, valendo-se da liberdade de dizer tudo, sem bajulações ou falsidades, mesmo que isso possa ferir, revoltar o outro. Em suma, seus discursos (i) entram em choque com o poder e abrem, conseqüentemente, fraturas no dispositivo em direção a espaços de liberdade mediante uma transformação possível de si; (ii) contornam os processos de assujeitamento ao tempo em que questionam os limites de tradicionais códigos e normas acerca da maternidade compulsória, colocando a si mesmas em risco nesses limites da coragem da verdade.

No campo associado do enunciado “Mães Arrependidas”, localizamos um acontecimento discursivo que irrompeu no *Facebook*, no dia 16 de fevereiro de 2016, quando uma mãe arrependida – antes mesmo do crescimento do movimento deflagrado por Donath (2017) – não aceitou um “desafio da maternidade” traduzido em um convite para as mulheres publicarem três fotos que pudessem representar o lado bom de ser mãe. Sua recusa foi manifestada no seguinte comentário:

[SE4] DESAFIO NÃO ACEITO! Me recuso a ser mais uma ferramenta para iludir outras mulheres de que a maternidade é um mar de rosas e que toda mulher nasceu para desempenhar esse papel. Eu vou lançar outro desafio, o desafio da MATERNIDADE REAL. De tudo o que as mães passam e as pessoas não dão valor, como se toda mulher já tivesse sido programada pra viver isso. Postem fotos de desconforto com a maternidade e relatem seus maiores medos ou suas piores experiências pra que mais mulheres saibam da realidade que passamos. Dizem que no final sempre acaba tudo bem, mas o meio do processo por muitas vezes é lento e doloroso. Primeiramente eu quero deixar bem claro que eu amo meu filho mas tô detestando ser mãe. E acho que isso não vai melhorar nem quando ele tiver a minha idade atual [...]

A repercussão foi imensa a ponto de sua conta no *Facebook* ser bloqueada por 24 horas na época. Ela sofreu ataques virtuais massivos a exemplo destes que destacamos do documentário *Odeio a maternidade, amo meu filho* (Melo, 2017).

Figura 2 - Comentários no *post* do “Desafio não Aceito”, no *Facebook*, em 16/02/2016



Fonte: Documentário *Odeio a maternidade, amo meu filho*, de Caroline Balduci de Melo (2017).

Esses comentários, especialmente pela regularidade enunciativa, são bastante emblemáticos para considerarmos as narrativas de si de “Mães Arrependidas” como discursos parresiásticos em termos contemporâneos. O *post* de 2016 se atualiza em muitos outros *posts* disponibilizados no *instagram* @maearrependida (Tenório, 2020) e, seguindo em filigrana, repercutem em outros discursos que repetem as mesmas agressões, evidenciando que “o sujeito, ao dizer [a] verdade que marca como sendo sua opinião, seu pensamento, sua crença, tem de assumir certo risco, risco que diz respeito à própria relação que ele tem com a pessoa a quem se dirige” (Foucault, 2011, p. 12). São repetições dos mesmos enunciados, séries dentro de outras séries, que repudiam o enunciado “Amo meu filho, mas odeio ser mãe”, fundamentados em discursos que apontam as “Mães Arrependidas” como seres anormais, loucos que fogem da

responsabilidade que a maternidade impõe; repetem incessantemente que essas mães estão doentes e carentes de terapia, cuidados médicos, de antidepressivos; no limite, são associadas à monstrosidade ou, repetindo um discurso enraizado na tradição misógina e patriarcal, são identificadas com enxurradas de termos depreciativos, ofensivos que reduzem o “arrependimento materno” a um corpo incontrollável e saturado de sexualidade.

Diz Foucault (1979) que quaisquer lutas são sempre resistências inseridas nas redes de poder, teias que se alastram por toda a sociedade e das quais ninguém pode escapar. O poder está sempre presente e se exerce em uma multiplicidade de relações de forças e, se onde há poder, há resistência, as “Mães Arrependidas” se aliam a partir desse lugar da resistência, respondendo, por exemplo, com este enunciado creditado a Rita de Cassia Giobom, na mesma matéria divulgada no post de Tenório (2020), figura 1: *O meu amor por minha filha é uma coisa. O processo da maternidade e tudo que vem com ele é outra [...] Eu não sou louca, não nasci com defeito. Eu não sou uma péssima mãe por me sentir assim. Eu sou mulher.*

Tal enunciado nos ajuda a avançarmos de modo a compreendermos a circulação nas redes sociais de discursos parresiásticos centrados nas narrativas de si, tomadas, segundo Foucault, como uma das técnicas de transformação da subjetividade, haja vista que, ao escrever sobre si, o sujeito se produz no ato de se narrar (Foucault, 2004). No confronto com essas narrativas de auto constituição da subjetividade, a partir de práticas de liberdade, repete-se o que está destacado na Figura 2, valorizando o distanciamento do sujeito em relação a si e a constituição de uma relação a si que tende à destruição da forma do si. Estes últimos correspondem aos modos “de sujeição” que implicam obediência e submissão aos códigos normativos; submissão, portanto, ao regime de verdade dominante (Rago, 2013) que faz proliferarem os julgamentos e as tentativas de silenciamentos dos discursos contrários à maternidade romantizada, sacralizada e idealizada.

Precisamente sobre as linhas de força do dispositivo que reduzem as mulheres a um corpo que só pode querer maternar e sentir prazer na maternagem, vale destacar as narrativas que enfatizam a “liberdade” perdida após elas terem se tornado mães, reverberando um testemunho já apresentado por Donath (2017, p. 59).

[SE5] Sem dúvida, sou uma mãe realmente incrível, realmente sou uma boa mãe. Fico constrangida de dizer isso. Quer dizer, meus filhos são importantes para mim, eu os amo, leio livros, procuro ajuda profissional, tento fazer tudo o que posso para dar a eles uma educação melhor, além de muito amor e afeto. [...] mas ainda assim odeio ser mãe. Odeio esse papel, odeio ser a pessoa que tem que estabelecer limites, a pessoa que tem que castigar. Odeio a falta de liberdade, a falta de espontaneidade. As restrições que me impõe, o fato de ser assim... (Sophia – mãe de dois filhos com idades entre 1 e 5 anos).

Sob a perspectiva foucaultiana, é importante ainda esclarecer que tais narrativas não podem ser confundidas com os discursos confessionais caros ao cristianismo primitivo e que abundam, remodelados, na *web*, conforme observa Rago (2013), uma vez que a escrita de si

não se trata de um dobrar-se sobre o eu objetivado, afirmando a própria identidade a partir de uma autoridade exterior. Trata-se, antes, de um trabalho de construção subjetiva na experiência da escrita, em que se abre a possibilidade do devir, de ser outro do que se é, escapando às formas biopolíticas de produção do indivíduo (Rago, 2013, p. 40).

Na esteira dessas reflexões de Rago (2013), desenvolvidas em sua obra *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*, destacamos que o testemunho se inscreve em uma tradição protagonizada por homens, a quem era permitido narrar-se e testemunhar na esfera jurídica e/ou religiosa. Silenciadas, as mulheres não eram reconhecidas como testemunhas, uma vez que

o testemunho fazia parte de um dispositivo de controle dos corpos e da mente de pessoas que tinham de testemunhar “verdades” diante de autoridades que assim eram ratificadas na mesma medida em que culpas eram estabelecidas. Na escrita de si, por sua vez, vemos atuar um testemunho mais auricular do que visual e espetacular. Em vez da lógica falocêntrica do acúmulo de provas, predomina o trabalho mais sutil da reconstrução do sujeito e de sua rede de relações. O indivíduo muitas vezes cede ao coletivo (Seligmann-Silva apud Rago, 2013, p. 19).

Testemunhar, nas linhas escritas das narrativas de si no *instagram* @maearrependida, atualiza essa memória de interdição e de descrédito da fala feminina, o que nos leva a afirmar que as “Mães Arrependidas” subvertem poderes e trilham espaços em direção a conseguirem assumir o controle da própria vida, tornando-se sujeitas de si mesmas pelo “trabalho de reinvenção da subjetividade possibilitado pela ‘escrita de si’” (Rago, 2013, p. 41). Um processo que implica encontrarem o “caminho de volta para casa [...] o que foi perdido” (Tenório, 2020); de melhor compreenderem o arrependimento materno como “um sentimento” vivido e sofrido por muitas mulheres (Ligny, 2022); de abrirem

o caminho para romper com a ideia de que as mães são objetos cujo propósito é servir constantemente aos outros, vinculando estreitamente seu bem-estar ao dos filhos, em vez de reconhecê-las como sujeitos individuais, donas de seu corpo, seus pensamentos, suas emoções, sua imaginação e suas memórias, e capazes de determinar se tudo isso valeu a pena ou não (Donath, 2017, p. 13).

Ao escreverem sobre o arrependimento materno, elas, as “Mães Arrependidas”, compartilham a coragem, desafiam preceitos morais e éticos, chacoalham múltiplos espaços de poder, falam de si e de muitas outras mulheres, apropriam-se de um lugar de fala historicamente interditado. Escrever, nessa linha de entendimento, é testemunhar; e testemunhar é garantir a sobrevivência do corpo, uma vez que, “ao testemunhar, disputamos espaços de aparição, e os poderes opressores resistem em alterar os privilégios de reconhecimento e circulação da palavra. O testemunho é uma pronúncia contra o silêncio e, por isso mesmo, uma fala de valentia” (Diniz; Gebara, 2022, p. 246). Portanto, uma fala franca alicerçada na coragem da verdade, na *parresía*, a exemplo desta Sequência Enunciativa (SE6) escrita por uma mãe em grande sofrimento e grata por poder falar/escrever no *instagram* @maearrependida.

[SE6] Olá Karla, espero que esteja bem. Hoje escrevo pois a cada passo me arrependo muito da maternidade. É um caminho sem volta porque não tem como fazer devolução... Eu sempre sonhei ser mãe... Tinha na minha cabeça a maternidade romantizada. E mesmo sabendo que algumas coisas seriam difíceis, nunca pensei que seria assim tão frustrante. Tive um aborto espontâneo e fiquei destruída. Depois de um ano engravidei do meu filho. Com quase dois anos veio o diagnóstico de TEA. Nesse momento veio o luto daquela tão sonhada maternidade romantizada de fato. Tenho vontade de sumir e desaparecer (sem o filho). Eu o amo, mas eu não amo mais essa minha vida. Meu filho não fala, não obedece comandos simples, só faz coisas que não pode da hora que levanta até a hora de dormir. Hoje ele está com 4 anos e 10 meses. Tive que sair do trabalho para poder cuidar dele pois ninguém aguenta. Me sinto muito infeliz por ser mãe. Quando encontrei você vi que não estava sozinha e te agradeço por isso (Tenório, 2020 – post em 12/02/2024).

Narrar-se e reinventar-se, segundo as escritas de si destacadas, é defender a constituição de um novo modo de experiência de si do sujeito mãe; ao dizerem que odeiam a maternidade, quer seja por “tudo o que as mães passam e as pessoas não dão valor, como se toda mulher já tivesse sido programada para viver isso” (SE4), quer seja por ser “a pessoa que tem que estabelecer limites [...] que tem que castigar”, e não ter “liberdade” (SE5), que seja, ainda, por ser uma mãe atípica cujo filho “Não fala, não obedece comandos simples, só faz coisas que não pode da hora que levanta até a hora de dormir” (SE6), as “Mães Arrependidas”, como já sublinhado, ancoram-se na coragem para enunciar a verdade em relação aos seus sentimentos, sem medos. Mediante novas possibilidades de existência múltiplas e libertárias (Rago, 2013) para as mães, suas narrativas contribuem para a desconstrução de tradicionais regimes de verdade, promovendo o reconhecimento de diferentes formas de ser mãe e de experimentar a maternidade.

Considerações finais

Pelo que foi exposto a partir das narrativas de si publicadas na conta do *instagram* @maearrependida (Tenório, 2020) e as apresentadas por Orna Donath (2017) e Astrid Hurault de Ligny (2022), é importante frisar que o arrependimento materno não significa que a mãe não ame seus filhos ou que não queira ser mãe. Essas narrativas acenam regularmente para os sentimentos de insatisfação ou mesmo decepção em relação à maternidade, derivados de múltiplas razões. A pressão social para que sejam mães perfeitas prevalece, seguida da dificuldade de conciliar a vida profissional e a pessoal; além disso, inúmeras narram sobre seus desejos sacrificados/anulados para que pudessem se dedicar aos filhos. Muitas outras relatam as dificuldades de viverem uma maternidade atípica, maternidade solo, maternidade em que o genitor abandona afetiva e financeiramente mãe e filho, maternidade sob perversos regimes de violência, maternidade sem rede de apoio, maternidade sem vida profissional/sem dinheiro, maternidade associada a problemas de saúde mental da mãe, enfim, uma enormidade de atravessamentos que fazem do arrependimento materno um fenômeno complexo e individual, variando em cada singularidade de uma mãe para outra.

Se o discurso “nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de [nossos] próprios olhos” (Foucault, 2001, p. 48), as narrativas de si das “Mães Arrependidas” contribuem para que antigas vontades de verdade se silenciem e que sejam enunciadas outras verdades em relação ao arrependimento materno coextensivas à coragem da verdade (parresía) e à narrativa de si pensadas, ambas, como técnicas de si que acenam para práticas de liberdade que promovem a subjetivação e a constituição do sujeito mulher-mãe na contemporaneidade, uma mãe real que vive uma “maternidade possível, individual e talvez mais leve” (Tenório, 2020). Não mais mães malditas, pecadoras, destruidoras da “dádiva da vida”.

Tomada em seu conjunto, a coragem de “Mães Arrependidas” se narrarem na *Web* vai ao encontro do que Foucault entende ser outras possibilidades de existência, outras experiências para elas se tornarem o que nunca foram e isso é “um dos mais fundamentais elementos ou temas [da] prática de si” (Foucault, 2006, p. 116), a partir das práticas de liberdade.

Referências

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DELEUZE, Gilles. ¿Que és un dispositivo? In: **Michel Foucault, filósofo**. Tradução Wanderson Flor do Nascimento. Barcelona: Gedisa, 1990, p. 155-161. Disponível <https://michel-foucault.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/art14.pdf>. Acesso: 27 jan. 2025.

DINIZ, Debora; GEBARA, Ivone. **Esperança Feminista**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.

DONATH, Orna. **Mães arrependidas**. Uma outra visão da maternidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: a vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: Foucault, Michel. **Ditos e escritos, volume V: ética, sexualidade, política**. Org. Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2004, p. 144-62.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**: curso no *Collège de France* (1981-1982). São Paulo: Martin Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade**: o governo de si e dos outros II. Curso no *Collège de France* (1983-1984). São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, Michel. O Discurso e a Verdade: seis conferências dadas por Michel Foucault, em Berkeley, entre outubro e novembro de 1983, sobre a parresia. Introdução, tradução, revisão e organização de Aldo Dinucci; Alfredo Julien; Rodrigo Brito; Valter Duarte. **Prometeus**, v. 6, n. 13, 2013. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/prometeus/issue/view/157>. Acesso em: 30 jan. 2025.

FOUCAULT, Michel. **As Técnicas de Si**. In: Foucault, M. **Ditos e escritos, volume IX: genealogia da ética, subjetividade e sexualidade**. Org. Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

LIGNY, Astrid Hurault de. **Le Regret Maternel**. Quand le rôle de mère est trop lourd à porter. Paris: Larousse, 2022.

MELO, Caroline Balduci de. **Odeio a maternidade, amo meu filho**. Documentário produzido por WIX.com, 2017. Disponível em: <https://mellocarol18.wixsite.com/amomeufilho/sobre-o-documentario>. Acesso em: 27 jan. 2025.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se**: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade [online]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013. DOI: <https://doi.org/10.7476/9788526814691>

TENÓRIO, Karla. Mãe Arrependida. Maio, 2020. Instagram: @maearrependida. Disponível em: <https://www.instagram.com/maearrependida/>. Acesso em: 17 mar. 2025.

Recebido em: 17 de março de 2025

Aceito em: 25 de junho de 2025